GEORGE R.R. MARTIN

NIGHTFLYERS

Tradução
Alexandre Martins

Copyright © 1980, 1981 by George R.R. Martin
Copyright das ilustrações © 2018 by David Palumbo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Nightflyers

Ilustrações de capa e guardas
Julio Zartos

Ilustrações de miolo
David Palumbo

Revisão
Valquíria Della Pozza
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martin, George R.R.
Nightflyers / George R.R. Martin ; tradução Alexandre Martins. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Suma, 2019.

Título original: Nightflyers.
ISBN 978-85-5651-081-5

1. Ficção fantástica norte-americana 1. Martins, Alexandre. II. Título.

19-25350 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editorasuma
instagram.com/editorasuma
twitter.com/Suma_BR

ENQUANTO JESUS DE NAZARÉ MORRIA PENDURADO NA CRUZ, os volcryn passaram a um ano-padrão de sua agonia, seguindo espaço afora.

Enquanto as Guerras do Fogo assolavam a Terra, os volcryn navegavam perto de Antigo Poseidon, onde os mares ainda não tinham sido nomeados nem pescados. Quando o sistema de empuxo estelar já tinha transformado a Federação de Nações da Terra no Império Federal, os volcryn penetravam nos limites do espaço Hrangan. Os hrangan nunca ficaram sabendo. Como nós, eles eram filhos dos pequenos mundos brilhantes que circulavam seus sóis dispersos, com pouco interesse e ainda menos conhecimento das coisas que se moviam nos abismos entre eles.

A guerra ardeu por mil anos, e os volcryn a atravessaram, imperceptíveis e incólumes, seguros em um lugar onde fogo nenhum podia queimar. Mais tarde, o Império Federal estava arrasado e desaparecido, e os hrangan sumidos na escuridão do Colapso, mas não ficou mais escuro para os volcryn.

Quando Kleronomas guiou sua nave de pesquisa saindo de Avalon, os volcryn passaram a dez anos-luz dele. Kleronomas descobriu muitas coisas, mas não os volcryn. Não naquela época, nem quando voltou a Avalon, uma vida mais tarde.

Quando eu era uma criança de três anos, Kleronomas era

pó, tão distante e morto quanto Jesus de Nazaré, e os volcryn passaram perto de Daronne. Naquela temporada, todos os sensitivos crey ficaram estranhos e encararam as estrelas com olhos luminosos e cintilantes.

Quando cresci, os volcryn já tinham navegado para além de Tara, para além até mesmo do alcance dos crey, e continuavam se afastando.

E agora estou velho e envelhecendo ainda mais, e os volcryn logo vão penetrar o Véu da Tentação, que pende como uma névoa escura entre as estrelas. E nós seguimos, seguimos. Pelos abismos escuros aonde ninguém vai, pelo vazio, pelo silêncio interminável, minha *Nightflyer* e eu os perseguimos.

Eles avançaram lentamente pelo tubo transparente que ligava o cais orbital à nave estelar esperando à frente, usando as mãos para se impulsionarem em meio à falta de gravidade.

Melantha Jhirl, a única entre eles que não parecia desajeitada e desconfortável na falta de gravidade, parou um momento e olhou para o globo malhado que era Avalon, abaixo, uma vastidão grandiosa de jade e âmbar. Ela sorriu e desceu rápido pelo tubo, ultrapassando seus companheiros com uma graça serena. Eles já haviam embarcado em naves estelares antes, todos eles, mas nunca assim. A maioria das naves atracava direto na estação, mas a nave que Karoly d'Branin fretara para sua missão era grande demais, e com um design muito peculiar. Assomava sobre eles — como três pequenos ovos lado a lado, com duas esferas maiores abaixo, em ângulos retos, e o cilindro do tubo de empuxo no meio, com canos conectando tudo. A nave era branca e austera.

Melantha foi a primeira a passar pela câmara de descompressão. Os outros se arrastaram um atrás do outro, até todos estarem a bordo — cinco mulheres e quatro homens, todos es-

D'ALFONSO

tudiosos da Academia, seus históricos tão variados quanto suas áreas de estudo. O jovem frágil e telepata, Thale Lasamer, foi o último a entrar. Ele olhou ao redor, nervoso, enquanto os outros conversavam e esperavam que o procedimento de embarque fosse concluído.

— Estamos sendo observados — comentou ele.

A porta exterior se fechara atrás dele, o tubo se soltara, então a porta interna se abriu, deslizando.

— Bem-vindos à minha *Nightflyer* — disse uma voz suave do lado de dentro.

Mas não havia ninguém lá.

Melantha entrou no corredor.

— Olá — disse ela, olhando ao redor, intrigada. Karoly d'Branin a seguiu.

— Olá — respondeu a voz suave. Vinha de um comunicador abaixo de uma tela escurecida. — Aqui é Royd Eris, mestre da *Nightflyer*. É um prazer revê-lo, Karoly, e fico feliz de receber o resto de vocês.

— Onde você está? — perguntou alguém.

— Em meus aposentos, que ocupam metade desta esfera de suporte de vida — respondeu a voz de Royd Eris, amigavelmente. — A outra metade é composta de uma sala de estar-biblioteca-cozinha, duas instalações sanitárias, uma cabine dupla e outra individual, bem pequena. O resto de vocês terá que estender redes nas esferas de carga, infelizmente. A *Nightflyer* foi projetada como nave de carga, não de passageiros. Contudo, abri todas as passagens e escotilhas adequadas, de modo que os depósitos têm ar, calor e água. Imaginei que achariam mais confortável assim. Seu equipamento e sistemas de computador foram estocados nos depósitos, mas ainda há muito espaço, garanto a vocês. Sugiro que se acomodem e depois se reúnam na sala para uma refeição.

— Vai se juntar a nós? — perguntou a psíquico-analista,

uma mulher resmungona de rosto estreito e anguloso chamada Agatha Marij-Black.

— De certo modo — respondeu Royd. — De certo modo.

O fantasma apareceu no banquete.

Eles encontraram a sala com facilidade, após terem pendurado suas redes e arrumado seus pertences pessoais nos dormitórios. Era o maior cômodo daquela seção da nave. Em uma extremidade, havia uma cozinha totalmente equipada, bem abastecida de provisões. A extremidade oposta oferecia cadeiras confortáveis, dois leitores, um tanque holográfico e uma parede de livros, fitas e chips de cristal. No centro, uma mesa comprida posta para dez.

Uma refeição leve e quente os aguardava. Os acadêmicos se serviram e se acomodaram à mesa, rindo, conversando uns com os outros, mais à vontade agora do que quando embarcaram.

A rede de gravidade da nave estava operando, o que os deixava mais confortáveis — o nauseante desconforto de se deslocar sem peso logo foi esquecido.

Finalmente, todos os lugares estavam ocupados, a não ser um, à cabeceira.

O fantasma se materializou ali.

Todas as conversas pararam.

— Olá — disse o espectro, a sombra de um jovem gracioso de olhos claros e cabelo branco. Vestia roupas fora de moda havia vinte anos — uma camisa azul-pastel solta bufante nos pulsos, calça branca justa com botas incorporadas. Podiam ver através dele, e os próprios olhos do fantasma não os enxergavam.

— Um holograma — disse Alys, a baixa e atarracada exotécnica.

— Royd, Royd, eu não entendo — falou D'Branin, olhando para o fantasma. — O que é isso? Por que nos envia uma projeção? Não vai se juntar a nós em pessoa?

O fantasma deu um sorriso leve e ergueu um braço.

— Meus aposentos são do outro lado daquela parede — respondeu. — Temo que não haja porta ou escotilha entre as duas metades da esfera. Passo a maior parte do tempo sozinho, e valorizo minha privacidade. Espero que entendam e respeitem meu desejo. Ainda assim, serei um anfitrião gentil. Aqui na sala minha projeção pode se juntar a vocês. Em outros lugares, caso precisem falar comigo ou queiram algo, é só usar um comunicador. Agora, por favor, voltem à sua refeição e às suas conversas. Eu escutarei com prazer. Já faz muito tempo desde que tive passageiros.

Eles tentaram. Mas o fantasma à cabeceira da mesa exercia sua influência, e a refeição foi tensa e apressada.

Desde o momento em que a *Nightflyer* ativou o sistema de empuxo estelar Royd observou seus passageiros.

Em poucos dias, a maioria dos acadêmicos tinha se acostumado à voz incorpórea vinda dos comunicadores e ao espectro holográfico na sala, mas somente Melantha Jhirl e Karoly d'Branin pareciam realmente à vontade na sua presença. Os outros ficariam ainda mais incomodados se soubessem que Royd estava sempre com eles. Sempre e em todo lugar, ele observava. Mesmo nas instalações sanitárias Royd tinha olhos e ouvidos.

Ele os via trabalhar, comer, dormir, copular; escutava as conversas incansavelmente. Em uma semana, ele os conhecia, todos os nove, e começara a arrancar seus pequenos segredos indecentes.

A especialista em cibernética, Lommie Thorne, conversava com seus computadores e parecia preferir a companhia deles à dos humanos. Era brilhante e rápida, com um rosto mutável e expressivo e um corpo pequeno, duro e masculino — a maioria dos outros a achava atraente, mas ela não gostava de ser tocada. Fizera sexo apenas uma vez, com Melantha Jhirl. Lommie Thorne vestia

camisas de suave metal trançado e tinha no pulso esquerdo um implante que permitia contato direto com seus computadores.

O exobiólogo, Rojan Christopheris, era um homem ranzinza e belicoso, um cético cujo desprezo pelos colegas era mal reprimido, um beberrão solitário. Era alto, encurvado e feio.

Os dois linguistas, Dannel e Lindran, eram um casal em público, sempre de mãos dadas e apoiando um ao outro. Quando estavam a sós, porém, tinham discussões amargas. Lindran possuía uma inteligência cáustica, e gostava de cutucar as feridas de Dannel, fazendo piadas sobre sua competência profissional. Eles faziam sexo com frequência, os dois, mas não um com o outro.

Agatha Marij-Black, a psíquico-analista, era uma hipocondríaca dada a graves depressões, o que piorava no espaço apertado da *Nightflyer*.

A exotécnica Alys Northwind comia constantemente e nunca se lavava. Suas unhas curtas estavam sempre cobertas de sujeira preta, e ela usou o mesmo macacão pelas primeiras duas semanas da viagem, tirando-o apenas para o sexo, e mesmo assim por breves momentos.

O telepata Thale Lasamer era nervoso e temperamental, com medo de todos ao redor, mas dado a surtos de arrogância, nos quais provocava os companheiros com pensamentos que roubava de suas mentes.

Royd observava todos, estudava-os, vivia com eles e por intermédio deles. Não negligenciou ninguém, nem mesmo aqueles que considerava os mais desagradáveis. Quando a *Nightflyer* já estava perdida no fluxo constante do empuxo estelar havia duas semanas, dois de seus passageiros passaram a merecer a maior parte de sua atenção.

— Acima de tudo, quero saber o porquê deles — dissera-lhe Karoly d'Branin em uma falsa noite na segunda semana após a partida de Avalon.